

Riqueza morfológica e movimento do verbo – o caso do Português (PE/PB) a partir de dados da aquisição

Fernanda Gonçalves
Universidade de Évora

1. Introdução – enquadramento teórico¹

No quadro de investigação que derivou de Pollock (1989), o papel reservado à morfologia para a explicação de processos sintácticos é fundamental, nomeadamente para a compreensão de diferenças interlinguísticas de base, como as que se prendem com o movimento do verbo.

Utilizando a expressão em Haegeman (1997:8), a noção implícita a muitos trabalhos directa ou indirectamente derivados dessa linha é a seguinte:

1) Syntactic movement is driven by morphology.²

Concretamente, a explicação para movimentos sintácticos passa pela satisfação de exigências dos constituintes que derivam das suas propriedades morfológicas. Correlaciona-se assim riqueza morfológica visível com instâncias de movimento e a estrutura sintáctica espelha até a organização interna dos morfemas flexionais, como em Belletti (1990) para as línguas românicas.

No entanto, o quadro minimalista, pela sua vertente lexicalista, veio forçosamente alterar as premissas, uma vez que se defende que todos os constituintes vêm flexionados do léxico – o valor da riqueza morfológica – da sua força ou fraqueza – é por isso reinterpretado.

Por outro lado, tais premissas são muito dificilmente conciliáveis com as de outra corrente – a Morfologia Distribuída, inaugurada em Halle e Marantz (1993).

É por isso (ainda, como foi sempre) de toda a actualidade explorar como se articulam morfologia e sintaxe.

Nessa medida, abordaremos aqui uma hipótese muito forte de explicação de diferenças sintácticas interlinguísticas a partir da análise das respectivas propriedades de riqueza morfológica, procurando avaliar a sua pertinência a partir de dados do Português.

¹ Este trabalho insere-se no âmbito de um Programa de Doutoramento, em curso, sob orientação da Prof^a Inês Silva Duarte (Fac. Letras Univ. Lisboa), a quem agradecemos muito mais que os comentários, as sugestões e todos os contributos, decisivos a muitos títulos.

² Na comunicação oral optámos por traduzir as citações por clareza de exposição. Por limitações de espaço, apresentamo-las agora unicamente na forma original.

Falamos da “Hipótese da Concordância Rica” (RAH), apelando à formulação em Bobaljik (2000:3):

2) Rich agreement causes V-to-I movement.

Tomaremos duas das instâncias mais produtivas desta hipótese: Vikner (1997) e Rohrbacher (1999), seguindo o exemplo de Bobaljik (2000), as quais permitem perceber como se pode definir de diferentes formas a “riqueza morfológica” e como é imprescindível fazê-lo.

3) Vikner (1997:201):

An SVO-language has V^o-to-I^o movement if and only if person morphology is found in all tenses.

Note-se que só contam tempos centrais (“core”) adquiridos e simples; em Inglês, por exemplo, o futuro é excluído por ser perifrástico.

4) Rohrbacher (1999:138):

Referentiality of Agr/Lexicality of Agr-Affixes

Agreement is a referential category with lexically listed affixes (projecting AgrP in syntax and triggering overt verb movement) in exactly those languages where regular subject-verb agreement minimally distinctively marks the referential agreement features such that in at least one number of one tense, the person features [1st] and [2nd] are distinctively marked.

Está implícito nesta proposta que as marcas de 1^a e 2^a pessoas têm de ser distintas uma da outra, da de 3^a pessoa e da forma de infinitivo.

V-para-I é aqui entendido como movimento para a categoria mais alta em IP (cf. op.cit.: 9-10 e 64-65), excluindo V-para AgrOP, V-para-TP e V-para-CP.

Deve-se notar muito claramente que os dois autores, assinalando mutuamente múltiplas diferenças, reconhecem igualmente que fazem predições muito próximas a nível empírico; note-se ainda que a associação sob uma designação (RAH) surge em Bobaljik (2000), onde se lhe aponta problemas conceptuais fundamentais que também passam pelo domínio da aquisição da linguagem (L1 e L2). Nomeadamente, nota que não são compatíveis com o programa da Morfologia Distribuída.³

É neste quadro que se torna especialmente interessante explorar dados de aquisição, tarefa que os autores reconhecem implicitamente como indispensável.

³ Veja-se igualmente Gonçalves (2001), onde sintetizámos os principais problemas conceptuais e metodológicos que surgem ao avaliarmos aquelas propostas com recurso a dados da aquisição (do Português, no caso).

Assim, um dos principais problemas conceptuais que Vikner aponta a Rohrbacher (op.cit.:196) prende-se com o facto de o infinitivo ser tão ouvido como o imperativo pelas crianças, o que o leva a argumentar que a escolha do infinitivo (como tempo necessariamente distinto) é algo arbitrária, acrescentando em nota, no entanto, que a existência de uma Fase de “Infinitivo Despido” (“bare infinitive”) pode dar razão a Rohrbacher.

Além desse aspecto, Vikner aponta ainda a necessidade de os tempos “core” terem de ser adquiridos e não aprendidos (op.cit.:202), como se disse acima.

A sua formulação é especialmente interessante para o desenvolvimento deste trabalho:

5) (...) the conceptual justification for this move is that presumably only the core tenses have been acquired (or encountered) by the child at the point where word order is determined, whereas non-core tenses only come in much later” (op.cit.: 202). [sublinhado nosso]

Finalmente, Vikner refere um problema potencial (para as duas teorias) que pode levantar-se com o estudo do processo de aquisição da linguagem (op.cit.:208):

6) Languages which have (obligatory or optional) V^o-to-I^o movement but no strong inflection thus pose a problem to both approaches. How is it possible for the child to change from the default into V^o-to-I^o movement without the appropriate trigger (Rohrbacher: distinctive [1st] and [2nd] person features, this chapter: presence of person inflection in all core tenses)?

Quanto a Rohrbacher, o seu tratamento da aquisição é ainda mais explícito e definitivo – cf. (op.cit.:127), onde o autor destaca no processo de aquisição um aspecto que lhe serve de argumento definitivo para defender a sua proposta, face às de Vikner e Bobaljik.:

7) The Paradigm-Verb Raising Correlate on the other hand makes the right predictions for the acquisition of both French and English: whichever tense a child acquires first, that tense has minimal distinctive marking of the person features in French but lacks such marking in English, and therefore all children acquiring French correctly move their first (and all subsequent) finite verbs to Infl and all children acquiring English correctly leave their first (and all subsequent) main verbs in situ.

2. A RAH e os dados da aquisição do Português

Os dados do Português são neste contexto especialmente relevantes, sobretudo ao pensarmos nas diferenças entre PE e PB, variante em que está em curso um processo que muitos autores pensam ser de natureza paramétrica que passa, de acordo com as hipóteses mais divulgadas, pela perda de riqueza morfológica, nomeadamente da 2ª pessoa do singular, que Tarallo localiza no final do sec. XIX.

Foi com o objectivo de estudar de forma comparada os processos de aquisição das duas variantes que definimos um corpus que terá as características em 8):

8) Fontes – dados fornecidos por:

(PE): **Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.**
 Responsáveis: *Prof^{as}. Isabel Hub Faria e Maria João Freitas.*

(PB): **Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem-Unicamp.**
 Responsáveis: *Prof^{as}. Cláudia Lemos e Ester Mirian Scarpa.*

Dados: ficheiros relativos a 7 crianças (4 para o PE; 3 para o PB); idades de 1;08 a 3;04.

Os dados são tratados com recurso ao sistema CHILDES. Veja-se MacWhinney (2000).⁴

2.1 A amostra

Analisaremos aqui uma pequena amostra⁵ retirada desse corpus, que no entanto pensamos especialmente representativa, já que se encontra no limiar da passagem à fase das duas palavras, de resto por analogia com o período crítico crucial eleito em muitos dos trabalhos sobre este tópico – veja-se nomeadamente Meisel (1994), onde se chama a atenção para um aspecto fundamental – a aspecto da produtividade.

Citando o autor (op.cit.:101):

9) The first examples of verb forms appear at ages 1;3 (P), 1;4 (C), and 1;5 (Iv), but it is obvious that they cannot be classified as productive uses yet. I interpret them as rote-learned forms.

⁴ Este trabalho só se tornou possível pelo acesso aos dados generosamente partilhados connosco pelas responsáveis dos dois centros de investigação, a quem muito agradecemos.

⁵ Para o caso concreto da amostra aqui considerada as transcrições foram de responsabilidade de Leonor Scliar-Cabral e Giovanni Secco (no âmbito do Projecto da Unicamp; dados também disponíveis na base de dados do CHILDES) e de A. Quintas Mendes (com transcrição no CHILDES de Ernestina Carrilho) (no âmbito do Projecto da FLUL).

Teve-se ainda em conta o factor relativo ao MLU-w, como se defende em opiniões recentes de autores conceituados sobre o assunto, nomeadamente como em Slobin (2000):

10) There are unsolvable problems, in my opinion, in attempting MLU counts in a language like Italian, that has inflections that conflate several meaning elements. (...) Lacking a measure of productivity, a count in words might be better.”

Nessa medida apresentamos dados de uma criança falante de PE e outra falante de PB com as seguintes características:

11)

	Idade	MLU-w	Dimensão da amostra	Caracterização genérica dos dados
PE: JOA1	2;00	1.966	116 enun.	Mendes (1991)
PB: PAU2	1;10	1.981	118 enun.	Lemos (s/d)

2.2 A Hipótese

Eis a proposta que pretendemos explorar:

12) A riqueza morfológica de uma dada língua – medida em termos paradigmáticos – será a experiência despoletadora que permitirá à criança determinar o movimento do verbo (e, para Rohrbacher, o valor dos parâmetros do sujeito nulo e de I-cindido (Split-Inf)).

Para Vikner, avaliando a presença (ou ausência) de pessoa em todos os tempos centrais; para Rohrbacher, avaliando a presença de pessoa em pelos menos um número de um tempo.

Assim, nunca poderá haverá movimento do verbo para IP antes de aqueles paradigmas serem produtivos.⁶

2.3 Resultados

Analizamos inicialmente os dados da criança portuguesa.

A nível sintáctico, a produtividade é já assinalável:

⁶ Ver sublinhado em 5).

Há que notar que estaremos aqui a avaliar a produção. Naturalmente, pressupomos que esta é uma medida válida de desenvolvimento, embora com consciência de que a questão não é absolutamente pacífica.

13)

Combinações sintáticas nominais	Combinações sintáticas verbais	Outras combinações sintáticas
N; Det+N; Det+N+PP(poss); N+PP(poss).	V; Comp+V; Det+N+V; Aux+V; Det+N+V+N; V+Adv; Neg+V; V+N; Det+N+V+Onom.	Adv; Adv+Pron; Adj.

É relevante assinalar que todas as combinações sintáticas estão ordenadas como na gramática final; as incorrecções envolvem exclusivamente constituintes em falta (como em 14)) e a concordância nominal (singular por plural; feminino por neutro) – veja-se 15).

- 14 a) *JOA: Oos &bo [/] &bo [//] bonecos?
 b) %com: parece ouvir um ruído, põe-se à escuta e levanta o dedo indicador.
 *ANT: bebé.
 *ANT: onde é que está o bebé?
 *JOA: (es)tá 0a cho(r)a(r).
- 15) *ANT: o que é que tem?
 JOA: uma [] pingas.
 %err: uma = umas ?

A nível morfológico, 14/15 formas verbais apresentam 3ªp.sing. (destas, duas formas são ambíguas – talvez sejam de imperativo). A restante (1/15) apresenta 3ª pessoa plural (resposta a pergunta-qu):

- 16) *PAI: são formigas pequeninas,, não são hum@i ?
 *JOA: são.

Para a criança brasileira verificamos os seguintes resultados:

17)

Combinações sintáticas nominais	Combinações sintáticas verbais	Outras combinações sintáticas
N/Pron; Pron+Adv; Det+N; Det+N+Neg; Det+N+Tag; Comp+Det+N; Comp+N/Pron; Adv+N;	V; Aux+V; Neg+V; V+Adv; V+N; V+Det+N; N+V; Pron+V+Pron/N; V+Det+N/Pron+Adv; Neg+V+Adv; Neg+V+Det+N; Det+N+V+Adv; Aux+V+N; Neg+V+V(inf)+Adv; Adv+Pron+Aux+V; Pron+Aux+V; Conj+Adv+V+N; V+N+V(enf); Neg+V+N+Adv(enf).	Adv ; Neg ; Comp; Prep+Det+N.

De novo, todas as combinações sintáticas estão ordenadas como na gramática final. As incorrecções envolvem (quase) exclusivamente constituintes em falta (Dets; Preps; Vs) (como em 18)) e concordância nominal (feminino por masculino) – cf. 19).

- 18 a) *CHI: olha o papai foi 0na cozinha.
%pho: 'O ja u p A 'p aj 'f oj k u 'z i A
- b) *CHI: 0o que 0é esse?
%pho: 'k i 'e s i
- 19) *INV: E esse é o auau@o?
*CHI: é a boi.
%pho: 'E a 'b oj

Quanto à produtividade morfológica, veja-se 20).

20)

Indicativo			Infinitivo	Imperativo
3ªp.	3ªp. auto-ref.	1ª p.		
está (3)	não quer (2)	não caibo	Nanar	põe (4)
dá	não quer ficar	eu quero	(a)cair	bota
é (13)			limpar (2)	abre
tem(impes.)	eu quer (3)	vou chamar	guardar	olha (3)
vai	eu quer beber	vou dar	beber	traz
vai cair	eu quer limpar		guardar	
está guardado	vai chamar (2)	vou limpar		
quer (2)		vou fechar (2)		
	limpou	eu vou botar		
não está		eu vou limpar		
não dá				
não serve		fiz		
caiu (2)				
acabou (2)				
foi nanar				
foi (2)				

Como se verifica, as ocorrências de 3ª pessoa são largamente maioritárias; as formas de 3ª pessoa em auto-referência são ainda muito significativas, em relação às de 1ª pessoa. Note-se que até as formas de imperativo correspondem morfológicamente à 3ª pessoa.

Consideramos portanto que a forma de 1ª pessoa não se encontra ainda consolidada – veja-se a sequência em 21).

- 21) *CHI: eu quer café.
 %pho: 'o 'k E k a 'f E
 *CHI: eu quero café.
 %pho: 'e w k E w k a 'f E
 *CHI: eu quero.
 %pho: 'e w 'k E w
 *FAT: o quê?
 *CHI: eu quer beber.
 %pho: 'o 'k E b i 'b i

Não parece de resto admissível que a morfologia seja omitida por limitações cognitivas:

- 22) *FAT: eu vou limpar.
 *FAT: olha aí.
 *CHI: agora eu quer limpar.
 %pho: a 'g Oj 'e w 'k E i- 'p a

Note-se que esta apreciação – a de que a 1ª pessoa do singular não está consolidada – logo, nenhum paradigma está – é confirmada, para a criança brasileira em apreço, em Scliar-Cabral e Secco (1995:88):

23) Only when the child is 22 months, 20 days old (MLU 2.22) the opposition between first and third person singular will show.

Este sujeito demonstra já competência considerável, quer a nível sintáctico, quer a nível prosódico, com contrastes de ordem significativos, bem como estruturas enfáticas:

- 24 a) *FAT: por que que você não vai pedir pra Célia?
 *CHI: esse é meu.
 %pho: 'e s i E n e 'n e
 b) *FAT: esse é nê@f # está certo.
 *CHI: é esse aqui.
 %pho: 'E 'e s i a 'k i
 c) *INV: pus a água # ó@dn.
 *INV: toma.
 *CHI: &m [/] não tem água não.
 %pho: m 'n ów~ 't ej 'A b a 'n ów~

O nosso argumento fundamental consistiu em demonstrar que, com a variedade de processos sintácticos observados, dificilmente se poderá aceitar a argumentação de que a criança precisa de dominar pelo menos um paradigma de um número de um tempo para deduzir quais são as particularidades da sua língua relativamente ao movimento do verbo.

Devemos no entanto argumentar contra a possibilidade teoricamente concebível de que todas as combinações acima observadas sejam possíveis dentro de VP – que todas elas sejam compatíveis com uma estrutura defectiva, a reestruturar posteriormente. Iremos por esse motivo recorrer aos testes clássicos que permitem diagnosticar V-para-I.

Pela reduzida dimensão da amostra, recorreremos a outros dados, no sentido de provar da forma mais clara possível que existe já movimento para I na fase em apreço.

É claro que esta questão está directamente relacionada com a outra, clássica, de saber se I existe ou não nesta fase, ou, até, se já existem ou não categorias funcionais no geral.

Quanto a esta última, os dados já apresentados demonstram que pelo menos DP deve já ter uma elaboração interna considerável.

2.4 Dados adicionais

De todos aqueles testes, o mais claro, para este nível etário, é, quanto a nós, o que envolve estruturas de negação frásica (NF), já que tanto o recurso à forma casual dos pronomes, como à posição dos advérbios é problemático.

Para línguas como o Francês, foram esses contextos – os de NF – lembramos, que permitiram concluir de forma inequívoca que desde as primeiras produções há movimento do verbo, já que se verifica um contraste muito claro entre finitas (ordem V+pas) e infinitivas (ordem pas+V). Veja-se a este respeito Déprez e Pierce (1993).

Para o Português, os testes não são tão óbvios.

No entanto, há evidências, quanto a nós, claras, de que desde o início se dá o movimento do verbo para I, pelo menos em PE, como demonstrámos em Gonçalves (1994), afastando aí a hipótese de o marcador de negação frásica poder estar inicialmente em adjunção a VP (o que é defendido por alguns autores – e contestado por outros – para o castelhano).

Passamos a reproduzir os dados principais dessa argumentação.

2.4.1 Gonçalves (1994)

Neste texto, em que se consideram dados que vão de 1 ano aos 3;3, assumem-se (op.cit.:312) como argumentos determinantes para se postular a presença de NegP desde o início (contra a possibilidade de adjunção à esquerda ou à direita de VP) os seguintes: não se verificam casos de adjunção à direita de VP; nunca surgem sequências “*NEG+SUJ+V”, que seriam esperadas, assumindo que o sujeito é gerado em SpecVP; existe desde o início um contraste claro entre as ordens N+NEG e NEG+V (NF) que a proposta de adjunção a VP não pode descrever: independentemente de se admitir ou não a existência de constituintes omitidos numa estrutura como em 25a), é muito significativo que não ocorra a estrutura *NEG+N.

25) BF1 (MLU-1.994)

- a) *BF1: Peixe não!
- *BF1: Não # esse não!
- b) *BF1: Aquele não caiu.
- *BF1: Não damos a ninguém.

Assim, conclui-se que existe movimento para I, estando as projecções funcionais presentes desde o início, embora com activação gradual: TP – NEGP – AGRP.

2.4.2 Faria (1993)

Também neste trabalho, observando-se dados do PE entre 1;0 e 1;11, se confirma que a marcação de concordância é tardia (por exemplo, relativamente à de tempo).

2.4.3 Simões (2000)

2.4.3.1 Sujeitos nulos

Há contrastes muitos nítidos entre o PE e o PB – o número de sujeitos nulos em PB é mais próximo do do Inglês – cf. Simões (2000:80).⁷

A autora defende que não se pode falar de redefinição do parâmetro do sujeito nulo, já que os dados são constantes ao longo do processo de aquisição – não há saltos bruscos – e mesmo a distribuição dos sujeitos nulos por pessoa gramatical reproduz já o que se verifica no estado adulto, verificando-se mais sujeitos nulos de 3ª pessoa do que de 2ª ou 1ª – note-se no nosso quadro acima relativo à criança brasileira que as formas pronominais que ocorrem são de 1ª pessoa, o que vai contra a ideia de que a mudança no parâmetro de sujeito nulo se teria dado por falta de transparência referencial das formas verbais – a 1ª pessoa é precisamente a mais transparente.

Estes dados são significativos na medida em que demonstram um contraste muito nítido a um nível fundamental que distingue as duas variantes – o da percentagem de sujeitos nulos.

No entanto para a nossa linha de argumentação principal são só indicativos, já que a criança estudada em Simões (2000) terá já adquirido pelo menos o paradigma de singular do presente do indicativo – na primeira sessão gravada tem 2;4.⁸

2.4.2.2 Objectos nulos

De novo, a nossa amostra é necessariamente pouco significativa a este respeito.

Recorrendo novamente a Simões (2000), verificamos que se volta a afirmar a especificidade do processo de aquisição de cada língua, com valores mais próximos dos dos respectivos estados adultos do que de outras línguas que por postulações teóricas se poderiam pensar muito próximas.

Assim, se o PB apresenta valores próximos dos do Inglês ao nível do sujeito nulo, apresenta valores muito distintos ao nível do objecto nulo – veja-se Simões (2000:83).⁹

⁷ Os dados do PE são retirados de Faria (1993).

⁸ No nosso projecto será crucial verificar se há já contrastes a este nível – do sujeito nulo – no momento anterior àquela aquisição e como evolui o processo para as várias crianças falantes de uma e de outra variantes.

⁹ De novo, este será um aspecto em observação.

3. Conclusão

Procurámos demonstrar que em PE e em PB é possível identificar um período em que já há evidência de movimento do verbo num momento anterior ao da aquisição dos respectivos paradigmas flexionais.

Estes resultados corroboram diversas propostas para outras línguas que, com um enfoque distinto, chegam às mesmas conclusões – o movimento do verbo é adquirido muito precocemente, aproximando-se muito cedo dos respectivos estados adultos; seguramente antes de estarem adquiridos os paradigmas morfológicos das respectivas línguas. Veja-se por exemplo Verrips e Weissenborn (1992), Pierce (1992), Déprez e Pierce (1993), Poeppel e Wexler (1993) ou Meisel (1994).

Estas conclusões são confirmadas de forma ainda mais clara com dados de aquisição de L2 em Lardiere (2000), onde se afirma que é possível que se adquiram todos os aspectos estruturais de uma língua sem nunca se chegar a adquirir o paradigma flexional verbal.

A hipótese em 12) é pois desfavorecida pelos dados aqui referidos.

Queremos deixar bem claro que não se tiram conclusões sobre outras hipóteses baseadas na morfologia, mas só sobre as que referimos, baseadas em paradigma.

4. Referências Bibliográficas

- Belletti, Adriana (1990), *The Syntax of Verb Movement*, Rosenberg, Torino.
- Bobaljik, Jonathan (2000), "The Rich Agreement Hypothesis in Review", Draft 1.1, ms., McGill University.
- Chomsky, Noam [1995] (1999), *O Programa Minimalista*, trad. Eduardo P. Raposo, Caminho, Lisboa.
- Déprez, Viviane e Amy Pierce (1993), "Negation and Functional Projections in Early Grammar" in *Linguistic Inquiry*, 24, 25-67.
- Faria, Isabel (1993), "A Aquisição da Noção de 'Agente' e a Produção de Sujeitos Sintácticos por Crianças Portuguesas até aos Dois Anos e Meio" in *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº10, 16-50.
- Gonçalves, Fernanda (1994), *Negação Frásica em Português. Caracterização Sintáctica com Referência ao Processo de Aquisição*, Diss. Mestrado, Univ. de Lisboa.
- (2001), "Comparing Acquisition Processes in European Portuguese and Brazilian Portuguese – Additional Evidence for Morphology After Syntax", a aparecer nas Actas do GALA, Palmela.
- Halle, Morris e Alec Marantz (1993), "Distributed morphology and the pieces of inflection" in Kenneth Hale e Samuel Jay Keyser, *The View from Building 20*, M.I.T. Press, Massachussets.
- Lardiere, Donna (2000), "Mapping Features to Forms in Second Language Acquisition" in John Archibald (ed.), *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*, Blackwell Publishers, Oxford.
- Lemos, Cláudia et al. (s/d), "Col. Projeto Aquisição da Linguagem Oral", Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas.

- Liliane Haegeman (ed.) (1997), *The New Comparative Syntax*, Longman, London.
- MacWhinney, Brian (2000), *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk. Third Edition*, Lawrence Erlbaum Associates, Mahwah, New Jersey.
- Meisel, Jürgen (1994), "Getting FAT: Finiteness, Agreement and Tense in Early Grammars" in Jürgen Meisel (ed.), *Bilingual First Language Acquisition: French and German Grammatical Development*, John Benjamins, Amsterdam.
- Mendes, António Q. (1991), *A Referência Temporal no Discurso Conversacional aos 2 e 3 Anos de Idade*, Diss. de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Pierce, Amy (1992), *Language Acquisition and Syntactic Theory – a Comparative Analysis of French and English Child Grammars*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht.
- Poepfel, David e Kenneth Wexler (1993), "The Full Competence Hypothesis of Clause Structure in Early German" in *Language*, 69, 1-33.
- Pollock, J. (1989), "Verb Movement, UG and the Structure of IP" in *Linguistic Inquiry*, 20, 3.
- Rohrbacher, Bernhard (1999), *Morphology-driven Syntax: a Theory of V to I Raising and pro-drop*, John Benjamins, Amsterdam.
- Scliar-Cabral, Leonor e Giovanni Secco (1995), "Evidence for bound morphemes in a Brazilian child's corpus, MLU 1.45" in Isabel Hub Faria e Maria João Freitas (eds.), *Studies on the Acquisition of Portuguese*, Edições Colibri, Lisboa.
- Simões, Luciene (2000), "Null Subjects in Brazilian Portuguese: Developmental Data from a Case Study" in Mary Kato e Esmeralda Negrão (eds.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, Iberoamericana-Vervuert, Madrid.
- Slobin, Dan (2000), mensagem enviada para info-childes@mail.talkbank.org e arquivada em <http://listserv.linguistlist.org/archives/info-childes.html>.
- Tarallo, Fernando (1993), "Sobre a Alegada Origem Crioula do Português Brasileiro: Mudanças Sintáticas Aleatórias" in Ian Roberts & Mary Kato (orgs.), *Português Brasileiro – Uma Viagem Diacrônica*, Editora da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.
- Verrips, Maaïke e Jürgen Weissenborn (1992), "Routes to Verb Placement in Early German and French: the Independence of Finiteness and Agreement", in Jürgen Meisel (ed.), *The Acquisition of Verb Placement: Functional Categories and V2 Phenomena in Language Development*, Kluwer, Dordrecht.
- Vikner, Sten (1997), "V^o-to-I^o Movement and Inflection for Person in All Tenses" in Liliane Haegeman (ed.), *The New Comparative Syntax*, Longman, London.